

SEMANARIO HUMORISTICO

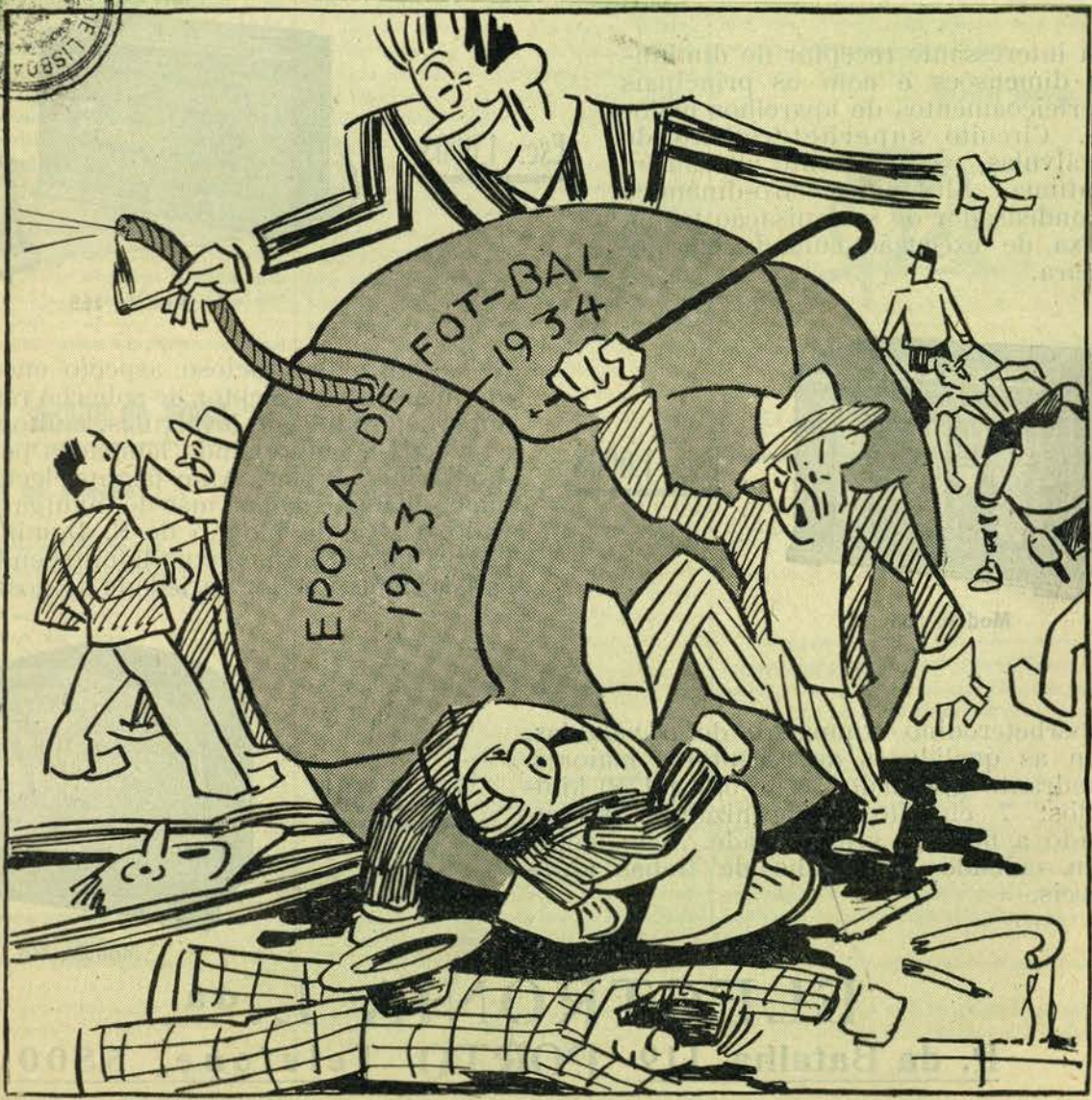


ROZAS

Luiz Caldas

Direcção literária de JOSÉ DE ARTIMANHA e DR. KNOX

COMEÇOU A ÉPOCA DO "FOOT-BALL"



Um croquis de todos os desafios que se realizarão êste ano

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

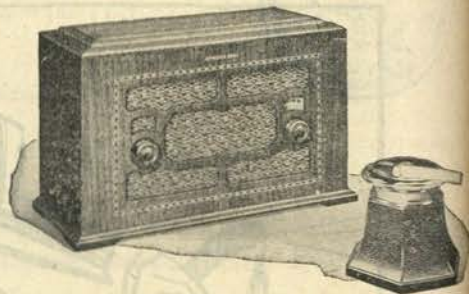
Anúncios: Preços convencionais

3 soluções económicas de

ATWATER KENT RADIO

Um interessante receptor de diminutas dimensões e com os principais aperfeiçoamentos de aparelhos maiores. Circuito superheterodino de 5 válvulas, para corrente alterna ou contínua. Altifónio electro-dinâmico e condensador de sintonisação triplo. Caixa de execução cuidada em nogueira.

Esc. 1.000\$



Modelo 155



Modelo 555

Esc. 1.600\$

Caixa-cofre de gracioso aspecto encerrando um dispositivo receptor de soberbo resultado. Superheterodino de 5 válvulas, muito sensível e selectivo, empregando lâmpadas pentodo e diodotriodo duplas. Auto-falante electro-dinâmico, de 6 polegadas, mas de invulgar sonoridade. Caixa de mogno de S. Domingos, de linhas harmoniosas e com bonitos embutidos, satisfazendo a maior variedade de gostos.

Superheterodino compacto, de 6 válvulas, com as qualidades de receptores maiores. Quadrante graduado desde 540 a 1750 kilociclos. 7 circuitos sincronizados assegurando a máxima selectividade. Acabamento bem cuidado e desenho de linhas agradáveis.

Esc. 2.450\$



Modelo 246

ELECTRÓNIA L.ª,
P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Manuel José da Mota é um simpático habitante, honesto e cumpridor dos seus deveres, freguesia de S. Martinho.

Vivia com a mulher que levou à igreja, com todos os vizinhos, como Deus com os seus. Muito pacato, amigo do sossêgo individual e da paz do lar, nunca tinha querido saber de politics». Tanto se lhe dava a elle Portugal se regesse pelas fórmulas monárquicas como pelas instituições republicanas; dentro da república, era-lhe indiferente se estivesse no poder o Dr. Oliveira Salazar ou o Dr. Afonso Costa. Lá em Lisboa, se se arranjassem como entendessem. O que queria, a única coisa que pedia ao Criador, era que as suas videiras dessem vinho, que as suas leiras se desentranhassem em cereal, e que as suas vaquinhas do seu cido tivessem saúde, política, nenhuma. Religião, quanta bastasse para andar de bem com a sua consciência e com o abade. Respeitar toda a gente, para ser também respeitado. E quando cheirasse a morte, e se fiasse em revolução, — toca a fechar a porta com a tranca e todos os ferrolhos, não mandando a abri-la enquanto as coisas não

estivessem tranquilizadas. O seguro morreu de velho, e quem as arma que as desarma. Cada um em sua casa, e o Pai do Céu na de todos.

Era esta a adorável filosofia do sr. Manuel José da Mota. A tão superiores qualidades morais juntavam-se outras: o acatamento das hierarquias sociais e a gratidão. Todos os indivíduos que estivessem acima de elle, pela posição ou pela fortuna, mereciam o seu incondicional respeito. Homem que lhe tivesse feito um favor, podia contar com elle para a vida e para a morte.

Não se pode, porém, nos tempos nefastos que vão correndo, possuir uma alma dotada de tão bons sentimentos. Entre as pessoas a quem o sr. Mota respeitava e devia finças, sobressaíam os irmãos Freitas, que supponho influentes políticos locais. Vagou o cargo de regedor da freguesia, e os srs. Freitas foram convidados a indicar quem havia de preenchê-lo. Lembraram-se do sr. Mota. Mas, apenas lhe falaram no caso, o santo homem tremeu. Ele, regedor, ocupando um lugar que obriga a effectuar prisões, a levantar autos de transgressões, a perseguir criminosos, a contentar uns descontentando outros? De mais a mais, um lugar politico. Aceitando, podia contar com o ódio de Fulano, que era democrático, de Sicrano, que era evolucionista, e de Beltrano, que era esquerdista. E que havia de ser de elle, se um dia viesse o revirinho? Nada! Antes uma pneumonia dupla ou o degrêdo para as Pedras Negras!

Porém os irmãos Freitas tiveram a crueldade de insistir, — e o pobre Mota devia-lhes favores. Acabou por ceder. Aceitou o bastão da autoridade. Mas, sacando desde já sobre a futura liquidação de responsabilidades, delibrou que o primeiro documento emanado da sua mão fosse o seguinte edital, cuja grafia se respecta integralmente:

Para que todos saibão

Eu Manoel Jose da Motta de claro que bou ser Reguedor por me ser pedido por tres amigos o skr. Domingos de Freitas e Juuqum de Freitas e Juse de Freitas de claro Domingos de Freitas Armador de esta fregesia de claro que é contra a minha bontade mas attenção e amizade a estes três amigos que me pediro vou lhe fazer a bontade e por ser herdade passo este que assino junto com as assinaturas de quem me pedio.

São Martinho, 30 de Setembro de 1933.

*Manuel Jose da Motta
Joaquim de Freitas
José de Freitas
Domingos de Freitas.*

Este documento autoriza-me a deduzir que, embora pouco letrado, o seu primeiro signatário é um dos homens mais inteligentes de Portugal. Pode apanhar chuva um dia inteiro, que não recebe uma única pinga, quem tão habilmente sacode a água do seu capote. Não é regedor por que o tenha solicitado. E' o porque lho pediram três amigos a quem não podia dizer que não. Assim o faz constar pela palavra escrita, — para que todos o saibam.

Marcial Jordão.



Posta restante

Lérias — Impossível. Chegou quando a MARIA ia a sair. Encontraram-se no portal, e por isso só para a outra vez. Nós, lamentamos mais do que ninguém. Entendido?...

Armando Capela — *Mohambe* — Creia que lamentamos profundamente o facto. O seu bom senso e percepção das coisas, disse-lhe, antes de nós, que nenhuma culpa nos cabe. Se soubesse os desgostos que dessas terras nos tem vindo!?...

Acredite por favor que a nossa maior alegria, seria não termos nunca uma reclamação para a qual nunca contribuimos. Demos na redacção as ordens respectivas e gostosamente lhe remetemos os números em falta. Rogamos que diga aos seus amigos e nossos assinantes que mandem pedir todos os números que não tenham.

MARIA RITA terá prazer em servi-los sem qualquer despesa.

MARIA RITA pode ser pobre de graça e de dinheiro; mas não o é de gratidão e de boa vontade.

Obrigados e mande sempre.

Décimas... dentro do praso

Já cá m'acho!...

Co'as faces còr de tomates,
Nos olhos ardentes chamas,
E pesando mais... cem gramas,
Já regresssei a penates.
Não cometi disparates,
Repousando no pinhal;
O comer não me fêz mal,
Bebi nos frescos arroios,
E assim 'stive entre os saloios
Do formoso Freixial.

Volto de novo ao Parnaso,
A estas ingratas lidas,
Mandando as desenxabidas
«Décimas... dentro do praso».
Se os assuntos derem aso
A conversa amena e vária,
Não farei catilinária,
Mas nel's cairei de chofre...

.....
'Stá de novo aberto o cofre
P'ra cobrança voluntária.

Bisnau.

Balancete da semana

Abriram os liceus. Já carregados de livros, e embrulhados na sua capa preta (que lembra escura, clerical roupeta) passam pela cidade os estudantes. Vão animados, de entusiasmo cheios, vibrando nos legítimos anseios de conquistar as notas mais brilhantes. Que Deus lhes ponha em cima as mãos piedosas e os livre de sarilhos.

.....
Foram, êste ano, tantas as raposas, que é impossível que não tenham filhos!

*
Vi há pouco as efígies sedutoras de quatro nadadoras que ganharam um prémio ultimamente. Tôdas formosas. Ao entrarem n'água, logo a linfa devia arder em frágua, tornando-se, de fria, em água quente. Que nadam muito bem, — diz um jocundo jornal de *sport*. E chega a fazer dó. Pois como haviam elas de ir ao fundo se levavam — é assim em todo o mundo — um par de bóias dentro do *mailhot*?

*
Episódio mesquinho e até um pouco sujo: Queixou-se um tal Coutinho de que Joaquim Ferreira de Araújo se recusava a dar-lhe um *jazz-band* que o primeiro comprara, indo no embrulho. Não sei se o *jazz* é pequenino ou grande; o que sei é que faz muito barulho. A prova é que anda já pelos jornais, e da polícia vai p'ra os tribunais. Porque o Araújo — afirma-me um vizinho — está pronto a ceder ao tal Coutinho o bombo, o saxofone, o rabeção, os ferros, o serrote, o cavaquinho, — mas os timbales, não!

Turiddu.

Diz o *Jornal de Notícias*, descrevendo uma tragédia familiar ocorrida na França:

«Tinha-se fechado no quarto, pelo lado de dentro. A porta foi arrombada. Tinha disparado na cabeça, no lado direito uma bala que tinha atravessado a caixa craniana e tinha saído pelo lado esquerdo».

Faz lembrar a história da campanês:

«Ai, minha rica mãezinha,
Que eu nunca vi cabeça com tanta tinta!»

Depois de terem fracassado tôdas as tentativas de vários políticos espanhóis para organizarem ministério, o presidente da república encarregou Dr. Gregório Maraño de aplanar as dificuldades congraçando os políticos e apaziguando os parlamentares.

Foi um gesto cheio de sabedoria. Gregório Maraño é um neuropata insigne e o primeiro médico-alienista da nação vizinha. Está acostumado a lidar com doidos.

A propósito disse Sanchez Román que não são de admirar as perturbações que por lá surgem, visto que a República Espanhola é ainda uma criança de dois anos.

A nós não nos espantam as perturbações. O que nos espanta é que sendo ela ainda tão nova, lhe apliquem um Gregório de estes.

Anúncio publicado nas fôlhas do burgo, relativo a um prédio:

«Vende-se em Costa Cabral, próximo do Marquês de Pombal, com grande quintal. Trata a *Financials*».

Palpita-nos, afinal, que é um bom emprêgo de capital.

Procurem na grande
Livraria Editora de

A. FIGUEIRINHAS, Limitada

tôdas as obras de

MARDEN

o grande filósofo criador da paz de espírito e educador de vontades.

O calçado de fama

53, Largo dos Loios, 54 — PORTO

DIANA

Vendas a prestações com bonificação

Telefone, 5422

PROJECCÕES DE BRAGA

Uma vizinha que é um amor — Como ela faz, como ela é e como ela gosta — A sua opinião sôbre os chafarizes

A minha vizinha é uma esbelta briga de bem proporcionadas e macas carnes, mais bonita que feia, e nome o que em giria corrente denomina um bom pedaço.

Costureira desde os 14 anos, bem desvendou todos os mistérios da alha, trabalhando hoje na indústria ponto aberto com invulgar desem-

paço. Diferente bastante do resto da costureiral, a minha vizinha, em de empregar as horas de ócio em língua de porta da rua, dispense tempo na boa leitura, tanto dos livros bracarenses como nos romances da actualidade: Clement Vautel, do de Verona e quejandos.

Já se interessou pela *Mulher que ama de amor* do Alberto Insua, e que não suscitem dúvidas acerca do patriotismo que a caracteriza, agar-se ultimamente ao *Primo Basilio* de Queiroz.

Já quem diga que também já resideu no *Tribunal dos Pequenos De-* por causa do José de Artima-

Eu assim a minha vizinha: gosta de ter de tudo um pouco, procura ins- se, esforça-se por adquirir conhe- entos. Eu, por exemplo, sou um muitos que ela possui.

Fala de modas e bordados com critério que a *Eva do Diário de* nicias, refuta opiniões que a D. Sara não traz à mostra no *Primeiro de* eiro às 5.^{as} feiras, ventila sem custo antos políticos e até já tem entradoinhos verdes, com grande arrelia Sr. Dr. Justino de Amorim, que é muito bem: a «mulher para ficar a cabeça à roda, escusa de vinho; ta-lhe um homem».

Também entende de línguas, a nha vizinha. Distingue perfeitamente spanhola da inglesa, fala correctame a nacional e tem atitudes ver- teiramente afrancesadas.

É uma mulher encantadora com em se está bem em qualquer parte qualquer hora.

Sucedo encontrarmo-nos frequente-

Então damos à língua com vivaci- de. As nossas conversas tocam todos assuntos, focam os mais variados ectos: ciclismo, história, foot-ball, eratura, automobilismo, etc.

Na viação, sobretudo, os carros de ha, entusiasmam-na extraordinária- mente e já não é a primeira vez que eido às linhas temos chegado à Cen- a, apesar-do dístico: *proibida a en- da*. Louca, como é, pelas viaturas, a nha vizinha, na falta de um carro de oio, vai mesma de carrinho de mão.

Vimo-nos esta tarde, quási de fu- gida. Procurei saber novidades, mas nada de interessante havia.

—A vizinha já leu hoje os nossos Jornais??

—Nem me fale nisso! Estão detes- táveis. Prefiro o papel higiénico.

—Isso também é de mais.

—Aqui há dias, de curioso, apenas o relato duma das sessões Camararias, acerca das fontes públicas.

—Não li nada!

—Pois valia a pena. Imagine que só as pessoas reconhecidamente pobres podem utilizar-se da água dos fonte- nários.

—Deve concordar, que tem razão de ser. Tem chovido tão pouco...

—Pois sim; mas, como sabe, no nosso País não se prova qualquer coisa impunemente.

Para o certificado de pobreza natu- ralmente exigem:

Atestado de residência, (o que não é fácil para os que moram nos bancos da Avenida); certidão de idade; ates- tado de bom comportamento moral,

OS MEUS BONECOS

XIII

DR. CAMPOS MONTEIRO



Um homem que costuma usar colarinho lavado

(impossível de conseguir a uma mu- lher que se não desmoralize)...

—O' vizinha!? Já agora só falta o atestado médico comprovando que a que a pessoa não sofre de moléstia contagiosa!!

—Isso é que não! Como é que o podem exigir se eles estão sempre anciosos por se encostarem à gente!?!

Sal & Pimenta.



Em Cuba (muito tem dado que falar uma terra tão pequena!) os con- trarevolucionários, para melhor pode- rem molhar a sopa nos seus irmãos governamentais, foram acampar para o Parque da Fraternidade e aí é que foram elas; houve pancadaria por uma pá velha.

Devemos concordar que o sitio não podia ser melhor escolhido.

Hoje em dia, com este abençoado progresso em que vivemos, tudo se falsifica.

Agora chegou a vez às cartas de *chauffeurs* que, a trôco de mil escudos, apareciam com assinaturas e carimbos mais perfeitas que as passadas pela Inspeção Técnica.

E o caso é que parece que as ditas cartas falsas davam aos seus portado- res virtudes mágicas, pois não consta que eles, estando falsamente encarta- dos, se esbarrassem mais vezes que aqueles que as possuíam verdadeiras.

Há dias, nos jornais, apareceu a notícia de que a companhia de se- guros «*Mannheimer Versicherungs- gesellschaft*» se recusou a fazer um paga- mento qualquer, relativo a um seguro efectuado na sua casa.

Ora a MARIA RITA, que conhece muito bem a «*Mannheimer Versiche- rungsgesellschaft*» não acredita que a «*Mannheimer Versicherungs-gesellschaft*» se recusasse a tal, porquanto a «*Mannheimer Versicherungs-gesellschaft*» sempre cumpriu com os seus contratos, o que lhe deu a fama de que a «*Mannheimer Versicherungs-gesellschaft*» tão justamente goza.

E aqui fica a nossa opinião sôbre a «*Mannheimer Versicherungs-gesellschaft*». Uff!...

Dr. Ox.

Fazer circular a MARIA RITA, mesmo dada ou emprestada, é con- :: tribuir para a sua expansão ::

Uma entrevista sensacional

Fugiu o Pinga!... Já cá está o Pinga!... Os produtos das Ilhas teem subido de preço! O que nos disse o illustre portador dos melhores pontapés nacionais. Afinal é tudo uma questão de pingadeira

Domingo último a cidade do Pôrto foi alarmada às primeiras horas por um grito lancinante:

— Fugiu o Pinga!... Roubaram o Pinga ao Foot-Ball Club do Pôrto!...

E a MARIA RITA que sempre se fêz eco das desgraças tripeiras, mal teve tempo de calçar as chinelas e ir por êsses sitios onde se fala do *shoot*, para saber se sempre era verdadeira essa calamidade nacional, êsse sangradoiro boato que nos acordou sobresaltados.

Chegou e viu lágrimas em quási todos os olhos. Nas ruas os próprios garotos dos jornais berravam baixo o nome das gazetas, e alguns traziam fumo no braço.

Era verdade, afinal. Não se sabia do Pinga!...

Verdade atroz, fatal, mas tão verdade afinal que ninguém a sabia explicar.

Diziam uns que o Pinga tinha fugido para *Valença*; outros que o tinham visto dirigir-se à *Boavista*; outros ainda que êle tinha sido roubado pelos ciganos de *Campanhã*; e alguns que não, que o Pinga estava agarrado e preso pelos inimigos do Pôrto.

Mas os mais avisados afirmavam que o Pinga tinha caído no conto do Vigário e que tinha ido à cidade... de *Lisboa*.

Cá pela nossa parte, porém, sempre nos quis parecer que o Pinga não tinha perdido de todo o gôsto dos vinténs, e que por essa razão resolvera ir ver a família.

Foi esta também a impressão que perdurou na Direcção do Pôrto, e ela aí vai nas asas do Bento, a caminho da capital, resolveu a fretar um gasolina e ir até à *Madeira*.

O Pôrto precisa de Pinga custe o que custar.

E o Pinga veio, sorridente, chegou cá na última segunda-feira, e o povo da cidade fêz-lhe uma recepção tão entusiástica que até o céu levou tôda a noite a deitar fogo preso em honra do Pinga.

Sabíamos há muito tempo que o Pôrto gostava de Pinga; mas tanto... nunca julgamos.

*
* *

Em face do imenso interêsse manifestado e sabendo já sua Excelência intra-muros da *Invicta*, não nos poupamos a esforços e fomos procurá-lo para que nos dissesse alguma coisa do seu momentâneo exílio.

Adiante registamos o que êle nos disse.

A Entrevista

Encontramos o illustre jogador num local que não denunciámos porque sua Excelência não quer. Mal entra mos e lhe dissemos ao que íamos, disse-nos êle:

— Eu gostaria que todo o Portugal me ouvisse. Eu não fugi. Fui simplesmente a *Lisboa* de fugida, porque já há muito tempo não tem havido deslocções para lá.

— Mas V. Ex.^a, preguntamos, não tencionava transitar para outro agrupamento?

— Isso é balela. Você não sabe que êste ano, o vinho não pode transitar antes do dia 1 de *Dezembro*? E eu como Pinga que sou, tenho de sujeitar-me.

— Mas o vinho da *Madeira* também está sujeito a essa lei? preguntamos.

— Ele, a bem dizer não está. A exportação para o *Brasil* faz-se clandestinamente. O que êle está é caro.

— E V. Ex.^a não tinha pena de deixar os seus companheiros de clube?...

— Pena verdadeiramente não tinha. O que sentia era mêdo de os deixar. A gente nunca sabe quem encontra. Afinal eu nem sei porque fizeram tanto barulho à volta do meu desaparecimento. Foi uma fuga quási tão falada como a da *Virgem* para o *Egipto*...

— Isso não resta dúvida, atalhamos nós, e de tal maneira parecida com as coisas da *Bíblia*, que nem lhe faltou o Bento nos tremoçais, nem o *Mártir S. Sebastião*; o que nós não sabemos é quem faria de burro.

— Não se esqueça de dizer que em tudo isto também houve um *S. Jorge*, e a obrigatória passagem pelo *Horto das Oliveiras Valença*...

Registamos e para ultimar, preguntamos ainda:

— E V. Ex.^a tenciona ou não, jogar pelo Pôrto êste ano?

— Sabe: eu ando um pouco adoentado. Se a saúde permitir alinharei por êsse formidável grupo.

— Mas dizem para aí que o seu regresso ainda não foi definitivo.

— Dizem muita coisa. Também afirmam que eu dei duas bofetadas no *Lima*, quando a verdade é que o *Jorge Lima* me tratou com a maior delicadeza...

Tínhamos ouvido o que queríamos. Por isso agradecemos, pedimos licença para nos retirarmos, e já quando vinhamos transpondo a porta, sua Excelência fêz-nos um sinal exclamativo e pediu-nos ainda:



Comoções fortes

Quarto de dormir alumiado fraca-mente por uma pequena lâmpada de cabeceira. Na cama, ressonando ali dorme sossegadamente o sr. Afonso. Um relógio, fora, deixa ouvir as badaladas da meia noite.

O FANTASMA, entrando com um grande ruído de cadeias a arrastar — Meia noite! A minha hora preferida! Ui! Ai, ai, ai!...

(aproximando-se da cama do sr. Afonso e embrulhando-se mais no manto, com um gesto à D. César de Bazan).

— A hora das aparições, das almas penadas e dos avejões!... Brr! Brr!... Prrá! Prrá!...

(tropeça no vaso de noite e acorda o sr. Afonso).

O SR. AFONSO, no tom de voz mais natural do mundo — Ah! Um fantasma!

O FANTASMA, excutando a mais estilizada dansa moderna — Sim! Olha bem para mim! Sou um fantasma!

O SR. AFONSO, no mesmo tom calmo — E!, na verdade, um autêntico fantasma!

O FANTASMA, um pouco desconcertado com a serenidade do sr. Afonso — Mas então... Tens na tua frente um fantasma, um filho das trevas, e ficas assim, com essa calma tôda? Não terás tu mêdo dos fantasmas?

O SR. AFONSO, explicando — Se tenho mêdo dos fantasmas? Tenho um mêdo que me pelo! Mas agora não o posso ter, pois disse-me o meu médico que evitasse as comoções fortes!

Dr. Knox.

— Não se esqueçam de dizer lá no seu jornal que só a muita amizade ao meu clube, e a extraordinária simpatia pela gente do Pôrto, me fêz voltar para traz.

Um poderoso cérebro de Famalicão. O' língua que fostes língua! E o mais que se verá...

Ainda não foi há tanto que V. Ex.^{aa} já possam ter esquecido...

Há tempos apresentamos nesta mesma secção, o sr. José Carvalho de Araujo, do lugar de Travassos do concelho de Famalicão.

Dissemos então que este senhor quando sentia a veia inchada, tinha o costume de desabafar tipograficamente. E a prova disso, foi um folheto que transcrevemos, um dos muitos que este cavalheiro costuma atirar aos ventos da publicidade.

E' claro que não tivemos nessa altura a coragem de dizer que o homem era maluco. Temo-la hoje porque nos vieram parar às mãos mais dois dos variadíssimos prospectos que esse homem distribui por onde lhe apetece.

E acrescentamos ainda que o indivíduo em questão esteve realmente no Brasil, em S. Paulo, e de lá trouxe, senão uma fortuna considerável, pelo menos umas calças brancas que não larga nunca nem nas ocasiões mais solenes.

Além disso, tem uma criada velha que o acompanha por toda a parte salvo seja.

Dizemos tudo isto, pelo interesse que temos em dar a conhecer a V. Ex.^{aa} um dos muitos exemplares que vegetam por essas terras de Cristo.

Damos em seguida a transcrição dos dois prospectos:

O primeiro reza assim *ipsis verbis*.

219 **Vim 1885**
Fui 1879
0006

Fui à feira hoje, com calça feita no Daniel de Abreu, S. Paulo, em 18 de Outubro de 1893.

Durmo no enxergão que comprei em 1885 com dinheiro ganho na terra que também amo — Brasil.

Travassos, 27 de Abril de 1932.

José de Araujo Carvalho

(de TRAVASSOS) com 66 anos

Vila Nova de Famalicão — Portugal

Pagou por mil exemplares 15\$00 para distribuição gratuita

Tip. Minerva — Famalicão

Como vêem, é este o número 219. Há, portanto, antes d'este, nada menos que 218 nacos de prosa completamente bárbara.

Agora o outro que é muito melhor apanhado:

247

Todos os bois, amováveis á ordem, basta dizer-lhe um brando, só ei — pra ele, amoroso andar, forte, bem. Desamoroso anda mal, mesmo com fustiga.

Homem exemplar, meigo tourinho, mais pequenino.

Travassos, 1933.

J. nho, 24, sabado, ás 6 horas e 29 minutos.
✠ S. João Baptista.

José de Araujo Carvalho

(de TRAVASSOS, com 67 anos) feitos em 19 de Fevereiro ás 9 horas; viuvo da Brasileira, Paulista, Maria das Dores Alves Guimarães, viuva que era do portu. uês Samuel Alves de Azevedo. Baptizada na Matriz de Campinas em 11 de Abril de 1814; nasceu em 29 de Março ás 7 horas, era filha do português José Pinto da Costa Guimarães e de sua esposa D. Teresa de Jesus Guimarães; falecida em Travassos, 1928, Janeiro 8, aos 15 minutos; e com 25 bois a que damos de comer ás 3 horas pra trabalharmos terra ao amanhecer

Portugal — Vila Nova de Famalicão

Pagou por 1.000 exemplares 15\$00 pra distribuição gratuita

1933 — V. N. Famalicão — Tip. Minerva
JULHO

E depois não se há de dar razão ao povo de Travassos que o conhece apenas pelo Carvalho maluco!...

E' único, não acham?

O *Diário de Notícias* inseria outro dia o anúncio abaixo:

Automovel

LINDO cabriolet «Chevrolet» S. 18905, seis cilindros, muito bom estado, perfeito funcionamento, calçado de novo, pintura da

fabrica; não foi, nem precisa ainda ser, rectificado, nem reparado de mecânica; não levou ainda cavilhões, segmentos ou qualquer outra peça nova; garante-se que nenhum outro carro do mesmo tipo e cilindrada, ano e quilometragem, produz melhor rendimento de trabalho do que este; a subir é simplesmente estupendo. Tipo de carro ideal para verão e inverno para poucas pessoas (2 e 4) e que não se confunde, pelas suas distintas linhas, com «taxi»; tem apenas 27 000 quilómetros, 2 jantes com pneus de reserva aos lados, amortecedores hidráulicos, rede cromada no irradiador, bonita e moderna mascole com luz, projector lateral, relógio no «tablier», etc., etc. Ferramenta completa e camaras de ar de reserva. Pequeno consumo de gasolina e pouquissimo de óleo. Faz os 100 quilómetros á hora, sendo preciso. Pronto, com confiança absoluta, para qualquer viagem larga. Vende-se barato a particular para compra dum carro maior, por o dono ter agora mais familia. Transacção séria. Mostra-se hoje, domingo, a qualquer hora e sempre que se combine pelo telefone 4395 Norte.

Chama-se a isto pôr o carro absolutamente á mostra. Falhou dizer apenas, quantos furos teve e quantos vezes foi lavado. E se a gentileza do dono fosse mais longe, um pouquinho também chegaríamos a saber se a dentro dele se fizeram porcarias de qualquer espécie.

Agora vamos publicar uma noticia pedindo aos nossos leitores o favor de adivinhar de que periódico foi tirada:

Imprensa

— X —

Diário de Notícias

Completo 68 anos em 30 de Dezembro p. p. este nosso colega de Lisboa, que festejou o seu aniversário com espectáculos em todas as capitais dos distritos, oferecidos ás crianças das Escolas.

Felicitamos o nosso colega desejando-lhe muitos e tantas prosperidades que nos anos seguintes possa alargar o mesmo alegrão ás crianças de outras localidades.

E' fácil, pois não é. Então não se estar a ver logo que andou ali o dedo do *Ecos de Cacia*?...

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS:

R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente á R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-56 (Vulgo Cor-deoia); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculeano, 44; R. Saaduna Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

O Teatro e o Cinema de braço dado

O que será a próxima temporada dando a opinião dos empresários



Um homem que não sai da Batalha nem à mão de Deus padre

MARIA RITA — que pode ser considerada, sem favor, o *Times* do humorismo português — ouviu, na semana passada, sobre o que será a próxima temporada teatral, a doutíssima opinião dos Sarceys cá do burgo.

Hoje — dando cumprimento ao prometido — MARIA RITA, vem dar aos seus leitores espalhados pelo orbe terráqueo, o que pensam, sobre este assunto tão palpitante, os empresários.

Fala José Loureiro

Como é, ao que dizem, o primeiro dos empresários — deve ser o primeiro a falar.

José Loureiro diz-nos, quando lhe desfechamos à queima-roupa a sacramental pergunta:



— Há de ser boa, optimíssima, a temporada teatral. Emquanto eu andar nas lides teatrais, Portugal não conhecerá fracassos nem inferioridades artísticas. Quem conhece teatro? Eu. Quem sabe organizar companhias, dirigir negócios e escolher peças? Eu. Quem se sacrifica pela arte? Eu. Quem é o financeiro de todas as companhias? Eu. Não tenha dúvidas; quando eu abandonar a vida de empresário, não há mais teatro em Portugal. E olhe que sou modesto...

No Sá da Bandeira

Na impossibilidade de encontramos algum dos sete mil e duzentos empresários do *Sá da Bandeira*, fomos falar com um dos seus quinhentos secretários — o João Silva.

A temporada no *Sá da Bandeira* — diz-nos êle, com a sua voz trovejante, a sua voz de timbales — vai ultrapassar todas. Repertório de *estucha* e uma companhia de *escacha*. A *fin-flôr* do teatro com peças geniais. E tudo a preços convidativos; não direi a saldos de fim de estação — mas preços popularíssimos, com *fauteuils* a 17 escudos e camarotes a 60...

No Carlos Alberto

Recebe-nos Artur Mota e diz-nos logo, mal nos vê:

— Se é para alguma mobília, é melhor falar com o meu guarda-livros.

— Nada disso. MARIA RITA quer saber o que será a próxima temporada no *Carlos Alberto*.

— Das melhores, não conhecesse eu a fundo os segredos da vida teatral. Quem inventou o Thara Bey — eu. Quem dá lições ao Macedo — eu. O *Carlos Alberto* nunca mais estará fechado; será um Carlos Aberto e um autêntico *homônimo-contínuo*...

— *Homônimo-contínuo*?! — atalhamos nós, estupefactos.

— Sim, um *homônimo-contínuo*, um *Mota-contínuo*, como se diz... Vou

Pires Fernandes



O chefe dilecto do pessoal menor do Rivoli

organizar uma grande companhia de pau santo ou noqueira americana, talvez estilo D. João V, com retorcidos à moda de S. Cosme e espelhos *bisautés*... Até o José Sameiro se há de morder de inveja.

O que não torno é a ir no rôlo das bicicletas.

No Rivoli

O nosso compadre Pires Borges Fernandes Irmão anda a fazer ave-

nida no *hall*. Interrogámo-lo, e êle segreda-nos ao ouvido:

— Nada de teatro. Antes me quero com os actores de celuloide do que com os de carne e ôsso. Fitas, fitas, mais fitas, sempre fitas. Fitas por toda a parte, excepto com as minhas empregadas. Hei de arrazar todos os cinemas. Vou dar três sessões por dia: de manhã, de tarde e à noite. O *Rivoli* é o cinema eleito. A *fin-flôr* vai lá toda. A *Arrabida*, S. Vitor e as *Eirinhas* despovoam-se no *Rivoli*. Há de continuar a marcar, até que tenha de dar uma garrafa de vinho Borges a cada espectador. O *Rivoli* é a primeira casa de espectáculos do mundo.

No S. João-Cine

Alvaro Pires recebe-nos no seu escritório, com aquele transparente sorriso que lhe é peculiar. A sua volta — como mariposas em tórno duma flôr — *movimentam-se* inúmeros cinéfilos estilizados. E Alvaro Pires sorri paternalmente para todos êles, como o regente duma *creche*...

— Não tenha dúvida, afirma-nos, o *S. João* vai bater o *record* dos êxitos. E outra coisa não é de esperar, tantos eruditos de cinema eu tenho à minha volta! Não quero saber de mais ninguém. *Eles*, só *êles* é que percebem disto. E quantos mais vierem, melhor. Receberei todos de braços abertos. Já Cristo dizia: *deixai vir a mim as criancinhas*...

E' tudo uma questão de *Movimento*.

No Trindade

O Antoninho Neves recusa-se a responder às nossas perguntas. Que não é com êle — mas sim com o Armando Pereira.

Insistimos. E, por fim, diz-nos com toda a franqueza.

— Baa ou mã, o público dirá, e o Meneses também. O calado é o melhor. Prometer mundos e fundos e depois faltar — não está no meu feitio. Tenho esperanças numa óptima época, com a protecção da Santíssima Trindade que é nossa boa vizinha.

No Olímpia

Ernesto Eusébio abre-nos os braços de par em par e, num português vernáculo, começa por nos dizer que percebe pouco de fitas. De automóveis, gasolina e pinturas, sim. *Tamem* — acrescenta — *não faz mal; as fitas venhem metidas em latas e diçois é só pô-las no ecran*.

— Mas espera boa temporada no *Olimpia*?

— *Pela certeza certa. Boas fitosas não nos falta. Venha por cá. Eu e o Neves arreceberê-lo sêmos de braços abertos.*

No Batalha

O José Figueiroa, nosso compadre e amigo, engatilha o seu melhor sorriso quando nos vê. O saúdoso *Gordo* da pista continua a ser o gordo do *Batalha* — gordo de carne, de solicitude, de gentileza e de inteligência.

— Então por cá?

— E' verdade, *fixissimo* Figueiroa. A MARIA RITA quer ouvir a sua opinião sobre a temporada cá na casa.

— Das melhores, sem haver cinema a pataco. Grandes melhoramentos na casa e programas de *estalo*. Fitas para todos os paladares. Ninguém me mete medo. O *Batalha* há de ser sempre o mais popular de todos. E se êles se fazem de finos, já que teem *pires* eu começo a dar chavenas de brinde... O *Batalha* está sempre na brecha;



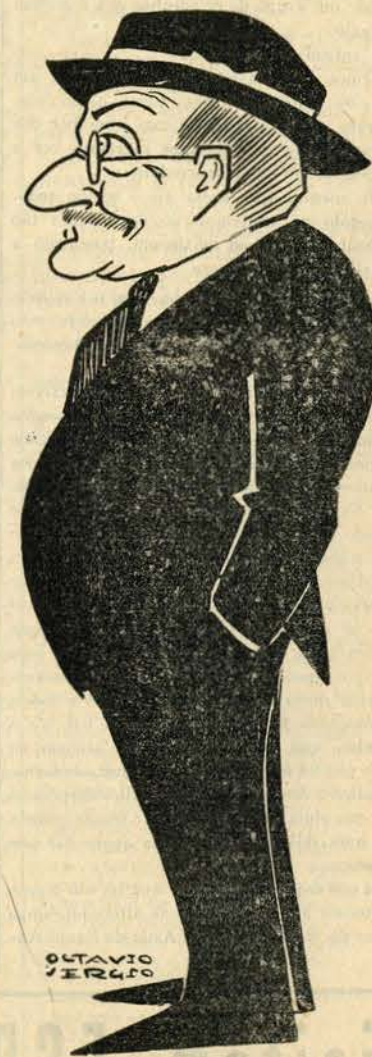
está na *batalha* como bom *batalhador* que se preza de ser...

E a MARIA RITA deu por terminada a sua jornada.

Nota final

O' sr. Pires do S. João?: Então nem agora?...

António Castro



OUTAVIO VERGASO

Um empresário que nunca pregou uma peça a ninguém

Excavações na Cava de Viriato

Salgalhada visiense

Viscu saiu dos seus hábitos, vestindo-se de lavado, penteando-se e engomando-se, para receber com tôdas as honras os visitantes da Feira Franca, proporcionando-lhes tôda a casta de divertimentos.

Claro, que para isto, muito contribuiu o Martins, fazendo que os canos de esgôto da Ribeira se tapassem, evitando assim aos forasteiros a delícia dos perfumes naturais. De resto, tudo por aí está em ordem e colocado no seu lugar.

A um lado, as barracas de comidas e bebidas, onde o cidadão se pode deixar esfolar sem encher a barriga.

Da outra banda vemos as barracas de rifas, motivo para as mulheres esvaziarem as economias feitas às escondidas do marido, que desaparecem na miragem duns *panêlos*, que podem sair.

Ao centro surge-nos o Luciano, a fornecer café e música a quem bebe e a quem paga, servido por um grupo de criadilhas que é mesmo um regalo.

A entrada há e turismo.

Temos depois a barraca do chá, onde um grupo de gentis meninas, tôdas casadoiras, procuram captar o freguês com o melhor dos sorrisos e onde muitas vezes julgamos ver a promessa de um amor imorredouro.

Há menino que passa ali o tempo todo, embebecido na contemplação de adornos tão interessantes, e se os deixassem, passavam a viver ali permanentemente.

A seguir à barraca do chá, vem o Pavilhão Municipal, onde o Comércio e a Indústria estão largamente representados por... absolutamente nada.

Para completar esta série de atractivos, são os nossos simpáticos visitantes, mimoseados com bailes bons e baratos. Dedicam-nos aos aviadores — é verdade, também cá temos aviões e aviadores, pois que julgam? — e onde dança quem tiver uns míseros 25000 sendo papá, e 15 sendo infante. Como veem, nada mais cativante e por preço tão módico; e para prova basta dizer que não há ninguém, que saiba dar à perna, que não escarole os escudós e vá ao baile, já que mais não seja, ao menos para comer à tripa fôrra e depois vir cá para fora dizer que aquilo a respeito de serviço era uma autêntica miséria. Muito mal servido e ainda por cima com pouca abundância. A não ser o Luizinho, que por mais que lhe acenem de Aveiro não há forma de se encadernar, conforme lhe indica o Amaral, e vir aos bailes despejar o que a sua alma sensitiva há tanto tempo guarda como uma reliquia que se não quer dar por bom preço.

Já nos esquecíamos dizer que há um coreto onde tocam alternadamente as alternadíssimas Bandas do Regimento e do Asilo de Santo António.

No último domingo, tivemos também o rancho das Rendilheiras de Vila do Conde, com danças, descantes, rendas e rendilhados à mistura.

O caso das rendas e rendilhados provocou uma celeuma dos diabos. Afirmavam uns que elas usam, como entremeio, rendas de bilros; outros que não senhor, que não era verdade, pois era cara comida para... rendilheiras. Isto deu origem a que uma comissão as procurasse, para verificar, mas elas negaram-se, o que veio aumentar a discussão.

Segundo nos consta, vai haver recurso, por ter sido desclassificado, no Concurso de Beleza.

realizado no passado domingo pela Comissão das Festas, entre crianças de 2 a 4 anos, o gentil pequerrucho J. Aragão.

No último baile de Santo António, uma senhora foi admoestada pelo marido, por ter comido um prato completo de carnes frias.

Mas afinal, para que servem estas diversões, senão para tirar o ventre de misérias?

E que mal haverá a uma senhora casada por ter comido apenas carnes frias?

Há por aí alguém que seja capaz de explicar ao Bastinhos, para que diabo, no Bussaco, lhe serviram juntamente com um *tango*, um copo de leite?

Os Dois Reporters.



Um fenomenal fenómeno

O Céu a desfazer-se em saldo fim de estação.
Chuva de Estrêlas por uma pá velha

A nossa secção metereológica foi remetido com a devida antecipação o seguinte aviso:

Segunda feira 9 de Outubro

A's 19 horas

Grande certame pirotécnico na abóbada celeste. Fogos do Castro, do Lira de Felgueiras e de outros afamados fogueteiros. Não percam esta extraordinária competição a preços módicos.

E nós assim fizemos. A's tantas já estávamos com o olho absolutamente nu a mirar o céu, que realmente nos apresentava um singular espectáculo com as estrelinhas a correr, os cometas a acender o seu rabo, e os restantes astros a desfazerem-se com tôda a perfeição.

O rapazio nas ruas olhava estupefacto o fenómeno, pronto a atirar-se sobre a primeira cana de foguete que adregasse de cair. As velhas, porém, é que não estavam gostando da gracinha das estrêlas e com o receio que alguma delas lhe arrombasse

o 5.º andar, pegaram de bater no peito e mais de uma foi encafiar-se na igreja.

Nalgumas aldeias tangeu o sino a rebate e os cães desataram a uivar como se presentissem lobos.

Não consta, no entanto, que houvesse desastres pessoais a lamentar, nem se conhece que tenha caído alguma estrêla em Portugal por muito cadente que fôsse.

Cá por nós, confessamos que não nos importava nada que uma estrêla nos caísse em casa: por exemplo a Beatriz Costa ou a Irene Izidro. Com os cometas é que não queremos nada.

Alguns astros é que andam muito por baixo. Haja em vista o Amaral que este ano não passou de Espinho, e o Alves da Cunha que chega a ir incógnito para o Carlos Alberto.

Afinal de contas o que é que se passou no céu?...

Nada mais nada menos do que uma reles questão de inquilinato, em que tiveram de ser evacuados os bairros pobres. Daí a razão de a gente assistir a tanta mudança de estrêlas, com os trastes agarrados ao rabo.

Visitem ESPINHO--Magnífico Casino



Primeiras tardes de pontapé. O 5 de Outubro no Lima e o torneio início no Ameal. Duas cabazadas quasi de graça

Nós somos daqueles que gostamos de ver jogar *foot-ball*. E muito. Outrora sabíamos de cor todas as regras. Hoje em dia, porém, quasi as desconhecemos, primeiro, porque elas mudam quasi todos os anos, e segundo, porque não é nosso propósito ingressar na liga dos Arbitros.

Mas há umas regras que nunca nos esqueceram, graças a Deus. São as regras da boa-educacão.

E logo no primeiro dia de *foot-ball*, houve tanta falta delas que chega a causar vômitos.

Nós fomos um, que só à custa de dois pães com queijo conseguimos sustentar as arremetidas do estômago. E houve mais quem nos seguisse o exemplo.

Diremos mais, abaixo

Pôrto-Barreirense

Neste jôgo houve quatro *goals* a favor do Pôrto, continuando o Barreirense da outra banda, a zero.

Mas houve muito mais bofetadas. O' se houve!...

O Pinga então já se julgava no Brasil a jogar a capoeira. Este jogador foi simplesmente intratável. Nós somos daqueles que admiramos sinceramente a sua técnica futebolística, o seu domínio de bola, e todos nos lambemos quando êle prega um daqueles *quicos* como o que deu em resultado o segundo *goal* da tarde. Mas nem por isso nos abtemos de o considerar desastrado no jôgo da bofetada.

Outra coisa interessante que êste jôgo nos deu foi a apresentação de um árbitro que tinha saído mesmo, mesmo, do Colégio. Não sabemos se tinha ficado reprovaado; mas o que assistimos foi à sua saída do campo aos gritos de: *Fora Cavallo!*...

O chamadoiro é nobre; mas quer-nos cá parecer que sua excelência não gostou da gracinha e saiu a chamar burros a todos os assistentes.

Há disto neste mundo!...

E mais nada nesse célebre dia!

O que foi o último Domingo

Fomos para o Campo do Ameal esperançados. Ao menos, levávamos a certeza que se não vissemos *foot-ball*, não deixaríamos, porém, de assistir a um desafio de murro.

E' tão velha já a rivalidade entre

o Académico e o Coimbrões, como entre o Pôrto e Salgueiros.

Chegamos. E a pesar-da tarde que não ameaçava chuva porque chovia mesmo, o Campo do Ameal apresentava um aspecto de quem passou um mês na aldeia. Estava bonito, e não faltavam lá os azarentos do costume, como o Paulo Mexia, o Zé Ribeiro, o Carvalho das farinhas, o procurador Fonseca e o Souzinha dos Clérigos.

Emfim: estávamos todos.

O primeiro desafio

A primeira parte da tarde decorreu calma. O Académico pregou para cima de quatro ao Coimbrões, pela simples razão de já não ter o empata do Romariz a avançado-centro. Quando o Romariz alinhava chegava a gente a ter a impressão de que a bola para êle era uma linha e êle um novelo: enrolava-se nela e nada de progredir para a frente.

Este ano o Académico apresenta-se cheio de caras novas, todas mais velhas do que o costume neste jôgo, mas não faz mal porque lá está o Carlos Alves para as curvas.

Ganhou o Académico e muito bem.

O' Zé Neves; lavra lá dois tentos, porque nós ficamos com a impressão que êste ano a coisa vai ser falada.

O segundo encontro

Em antes de começar pairava no ar uma atmosfera estranha.

Diziam-se coisas de fazer arripiar o cabelo ao Bento da Cooperativa.

Dizia-se por exemplo que o Pinga tinha partido para o Brasil; que o Waldemar tinha ido para a Holanda encomendar queijos; que o Avelino voltara a ser operado; que o Acácio fôra estabelecer um quiosque no Campo do Académico, e que o Alvaro Pereira por causa das oscilações cambiais, partira inopinadamente para a Bôlsa de Londres.

Tudo isto fazia uma confusão dos demónios; e quando deu de cara connosco o Mártir S. Sebastião Mendes, ficamos com a impressão de que era tudo verdade o que se asseverava.

E esta impressão mais se radicou quando vimos entrar em campo o primeiro grupo do Foot-Ball Club do Pôrto, desfalcado precisamente daqueles homens que a má língua dos alvi-gareiros vinha abocanhando.

Sentimos calafrios pela espinha dorsal acima, e se não fôsse a lembrança e a consolação que o actual Campeão de Portugal está a apanhar no corpo domingo sim, domingo sim, tremeríamos pela figura que estava reservada ao nosso Campeão nortenho.

O jôgo

Quando o árbitro apitou (seja dito de passagem que o árbitro só apitava quando havia *goal* ou a bola ia fora de jôgo) não sabemos que diabo houve que o Salgueiros papou logo o primeiro *goal*.

E daí por diante até à avantajadíssima conta de 10, o que seria uma continha calada, se não fôsse necessário dizer aqui à puridade, que não sentimos nenhuma saúdade dos *ases em viagem*.

Aquela rapaziada que o Pôrto lá tem agora, ou já sabia muito ou o Castro é um bellissimo *entraîneur*. Era *goal* por uma pá velha. E se mais não toram, que o Salgueiros os agradeça ao árbitro que se limitava a ver *shootar* às rêdes, e só marcava quando a bola já lá estava agachada.

Cá no nosso entender julgamos que o Pôrto não precisa de contar mais contos a ninguém.

O que vimos hoje basta e sobra para vencer o Campeonato do Norte.

Durante muito tempo ainda alimentamos a esperança de ver jogar o Pôrto A. com o Pôrto B.

Mas agora que estamos a espreitar uma greve de botas caídas, entendemos que o que é preciso é treinar convenientemente o que há lá por casa.

O resto é connosco e com a assistência!...

CARTAS IODADAS

Boa MARIA RITA

esta missiva
Custou a escrever um bom bocado;
A Musa, com a chuva, anda esquivada,
E o Estro, podes crer, algo molhado.
Esta terceira carta, RITA amada,
(Verás, no fim, talvez, com certo espanto)
Vai ser formosíssima parada
De Beleza, Frescura, Graça e Encanto.
A praia do Estoril, podes tu crer,
Tão prendada ela foi p'la Natureza,
Que dava um bom cenário, a meu ver,
Para mais um Concurso de Beleza.
Quando à hora do banho, saltitantes,
Procuram o prazer no rude mar,
Sereias que entontecem, provocantes,
Eu chego quasi, amiga, a desmaiar.
Se vejo alguma, leve, a saltitar,
Logo, lesto, os olhos esbugalho;
Vou deixar, boa RITA, de estudar...
Com carne assim eu vou, abrir um talho.
Carne da pá, do peito, a toda a hora,
Tenros bifes da perna, saborosos,
Boas lascas de feveira tentadora!
Vou ter, assim, fregueses numerosos.
Uma coisa que a vaca nos não dá,
Se poderia ainda aproveitar,
Constituindo um verdadeiro maná:
Seios sem «soutien», a oscilar!...
Verdadeira e trágica loucura!
Que pena certas damas serem sérias!
Paciência!... o mal nem sempre dura.
Eu vou esp'rando, pois. Saúdades.

Lérias.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

ANO-N.º 29

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

14 DE OUTUBRO DE 1933

QUADRO DE HONRA

**OTTER
SEPOL
OINOTNA**

Decifrações do n.º 27 — 1) Oco, 2) Lofada, 3) Casomira, 4) Baldemar, 5) Nobela, 6) Selouras, 7) Inzigente, 8) Cabernoso, 9) Piquena, 10) Astifeito, 11) Afável, avel, 12) Bobida, boda, 13) Vila Nova de Poiars, 14) Castelo de Paiva, 15) Neccidade, 16) Desapossado, 17) Quem espera sempre alcança.

Decifrações — Otter, 17; Sepol, 17; Oinotna, 17; Dilia Galo, 16; Otopavlis, 16; Serigaita, 16; Rei do Orco, 16; Rei Fera, 15; Amil, 15; Reirobi, 14; Feirante, 14; Monteiro II, 13; Fantasma Negro, 13; F. Rodrigues, 13; Jarb, 12; Seria, 11.



Charada em verso

(A todos os confrades e confeiras)

(1)

Camaradas atenção!
Camaradagem bacana
Fêz «Olegna» procissão,
Eu faço uma caravana!

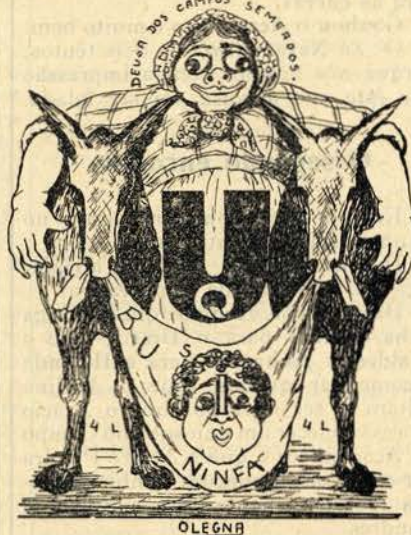
Vão comigo «Zé Cagancho»,
«Rei das Musas» e «Sepol»
O «Olegna» todo ancho,
Leva a cana e o anzol,
«Feirante» e mais o «Tripeiro»,
Vão se ver em calças pardas
Neste penoso cruseiro
A agüentar co'as espingardas!
Francisco Rodrigues vai,
Carregando as cartucheiras
O «Quim Mosquito» e «Kiçai»;
Como quem vai p'ra as trincheiras
A' frente vai o «Bisnau»
Que se uma fera avistar
Galinholha ou pica-pau
Manda o «Busina» tocar.
P'ra algum rio atravessar
Leva Reirobi um barco;
Designo para remar;
O «Rei Fera» e o «Só Darco»
O «Otter» e o «Rei do Orco»
O «Lérias» mais o «Godinho»
Hão-de me caçar um porco
Mas há de ser porco espinho.
Faremos uma caçada
Como eu em França fiz, — 1
Empunhará uma espada
O grande Otopavlis.
Não se concede perdão
A animal de alimento, — 1
Mata-se sem compaixão
Se nos der algum provento;
E durante este fadário
«Nau-Nau» e «Vitrhanhadalsa»
Levarão o vestuário
Desde o casacão à calça.

Agora vos participo
P'ros mantimentos levar,
Escalei «Seria» e «Edipo»
Que bem podem agüentar.
E também tomei a peito
Levar o «Rutra Luar»,
Visto fazer-nos bom geito
P'ra de noite alumiar.
Quando chegarmos à brenha
Fixai, não haja engano.
Mando logo rachar lenha
Ao colega «Horaciano»;
«Fantasma Negro», sem medo,
Como eu, vai a cavalo
P'ra companheira lhe cêdo
A confeira «Dilia Galo».
E bem podeis calcular
Quanto 'stou entusiasmado
Inda mais quando encontrar
A «Serigaita» a meu lado!
Quando a caçada findar
Voltaremos cá p'ra terra
Depois podemos contar,
O que vimos lá na serra!

Monteiro II.

Enigma pitoresco

(2)



Novíssimas

(3)
A planta também teve a sua sorte
na matança. — 1, 2.

(4)
Tem mau cheiro todo o abastado
que não sabe ser homem. — 2, 2.

Busina.

Nau-Nau.

Sincopadas

(Agradecendo ao prezado Lérias)

(5)

3 — Isso de v. dizer que golpeie o miudo, levou-me ao auge da ira. — 2.

Bisnau.

(Ao ilustre director)

(6)

3 — Na estação calmosa, no Estoril, passa-se um tempo admirável! — 2.

Lérias.



Maçada geográfica

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

(7)

BACANOS DAE CHÁ!

Oinotna.



Tipográfico

(Ao amigo Otter retribuindo)
(6 letras)

(8)

RIO 500

Sepol.



Provérbio a adivinhar

(A' primorosa Serigaita com uma vénia respeitosa)

(9)

Desde já agradecido
P'la sua gentil promessa
Que me deu volta à cabeça,
E me deixou comovido.

Agora, mais um pedido:
Serigaita, não se esqueça
De fazer boa remessa,
Que o prometido é devido.

E é fazê-lo sem demora
Porque eu, qu'rida senhora
Sou pior do que uma fera,

E tenho em muita atenção
O que diz o tal rião:

.....?

Bisnau.



Posta Restante

Busina — O motivo dos seus enigmas — bem urdidos por sinal — não verem a luz da publicidade, foi justamente aquele que indica em seu amável bilhete.

Colega MARIA RITA:

A Espanha, dizem os jornais, está mal. A crise é grande e tão grande que o Presidente Zamora, farto de experiências entregou o caso ao Dr. Mañón. Este, a-pesar-de tóda a sua ciência, não conseguiu debelar o mal. Agitou o frasco do remédio — neste caso os partidos — e nada conseguiu.

O mal continua. A crise continua. Cá por mim ainda acho que o melhor será chamar o Dr. Asuero. Pode ser que queimando o trigêmeo, a Espanha se endireite e a crise desapareça.

Diz o *Diário de Noticias* que em Nova York se fundou uma escola para recém-casados.

O ensino é ministrado por professores de ambos os sexos. E' claro que o sexo frágil ensina o sexo forte e vice-versa.

(Isto não diz o *Noticias*, mas deve ser assim.)

Fica, pois, resolvido o problema do casamento, essa união que é quasi sempre uma desunião.

Há, como em tódas as escolas, aulas teóricas e práticas. Estas devem, por certo, ser concorridíssimas. E não consta que haja reprovação por... faltas!!

O coronel X. era um defensor acérrimo do celibatário convicto. Foi durante alguns anos comandante duma divisão nas colónias.

Um dia, um dos seus oficiais, um jovem tenente, pediu ao coronel X permissão para vir à metrópole para se consorciar.

O coronel ouviu-o e disse-lhe:

— As necessidades do serviço exigem que vos quedeis aqui mais um ano. Se passado êsse tempo desejardes casar-vos, conceder-vos-ei licença.

Passou o ano e novamente o oficial apresentou o seu pedido.

— Como, diz o coronel, depois de terdes pensado um ano, desejais ainda casar?

— Sim, meu coronel.

— Pois bem, concedo-vos a licença, mas, antes, dir-vos-ei que vós sois um belo exemplo de constância masculina.

— Obrigado, meu coronel, mas já não é com a mesma mulher.

— Já não?

— Já não.

— Então, meu amigo, fique mais um ano.

Depois da «Canção de Lisboa», a Tobis vai dar-nos a «Canção de Coimbra». Por êste caminho teremos brevemente a «Canção da Porcalhota», ou a «Canção de Algueiros de Baixo».

Teremos canções para tódas as terras do país. O resultado está a vêr-se: Principiaram pela «Canção de Lisboa» e terminam pela certa na «Canção de Pé... na... cova».

O *Diário de Noticias* numa secção intitulada «Regras da Delicadeza», diz, entre outras coisas, o seguinte:

«Quando um cavalheiro sobe uma escada com uma senhora, é aquele que deve tomar a dianteira para reparar se algum perigo ameaça a senhora que o acompanha.»

Não se pode dizer que não seja uma maneira elegante de dizer que o cavalheiro não pode ir atrás porque podia muito bem acontecer a senhora ter-se esquecido de levar calças.

Abraça-te o

Mil Reis.

Os impossíveis dêste mundo

— Dar uma injeccão nas costas... duma cadeira.

— Segurar uma corrente... de água com uma argola... de guardanapo.

— Cobrir uma ave com penas... de crescer.

— Semear num terreno plantas... arquitectónicas.

— Tapar com betume uma junta... de freguesia.

— Dar um beliscão com os dedos... duma luva.

— Colocar no eixo dum automóvel... esferas armilares.

— Apontar na ardósia com um ponteiro... de relógio.

— Colocar num relógio uma peça... de artilharia.

— Pôr num macaco um rabo... de balcão.

— Construir um convento com arcos... de violino.

— Escrever uma carta com letras... comerciais.

— Matar a tiro uma onça... de tabaco.

Alberto Henriques da Silva.

Com êste título sonoro, iniciará a **MARIA RITA** no próximo número, uma desenvolvida secção ilustrada que terá por legenda a seguinte expressiva e trememunda divisa: «Sob o manto diáfano do humorismo, o arrôcho teso da verdade» — legenda esta que fala mais claro do que um livro aberto, quando não seja do sr. Júlio Dantas...

Em «Teatras & Cinematograficas» — onde não se aceitarão recomendações nem cartas de empenho — de tudo, que se prenda com o teatro e o cinema, se publicará um pouco: críticas, notícias, écos, comentários, artigos doutrinários, biografias, entrevistas, etc., etc.

Redigirá essa secção, «Sarcey Júnior» — o maior crítico do Universo, rapaz nababo de talento, com tanto talento mesmo que até ainda não foi condecorado nem eleito sócio da Academia...

O' gentes do teatro e do cinema: tremei, que «Sarcey Júnior» vai passar...

Coisas do meu monóculo

Em casa dos Marmelos Pilados

O sr. Chico Piquitangas — um bicho bravo das fraldas... da Serra da Estrêla — foi certo dia jantar, não sabemos por que artes do Porco-Sujo, a casa dos fidalgos Marmelos Pilados.

Estes eram ao todo seis: o casal do tronco e quatro meninas verdeengas, histéricas, apetitosas, dos ramos.

Para o sr. Chico o repasto foi um tormento: flagelava com grossas balas salivares os pratos vizinhos, entornava desastrosamente o vinho pela toalha rica, tossia e espirrava para a cara dos parceiros indefesos, palitava os dentes com o mesmo ruído de gaio a chamar pelas pegas, etc., etc.

No fim, as quatro marmelas, que em risinhos impiedosos haviam cutilado o sr. Piquitangas, convidaram-no a uma partida de *bridge*.

— *Num sei!* — respondeu êle num tiroteio de arrotos — *Eu cá só jogo a bisca e... lambida!*

Ecoaram pela sala Império novas risadinhas de prazer e tudo foi jogar a bisca.

Três horas depois, como uma das meninas marmelas se houvesse enganado ao contar as cartas, o sr. Chico virou-se para ela muito cortês, num sorriso fino, e advertiu em vênia:

— *V. Ex.^a borrow-se!*

Fernando.

Para Pintar Use **MURALINE** uma tinta que se prepara em 10 minutos, seca em 10 horas e dura 10 anos.
RUA DO ALMADA, 30-1.^a — Tel. 2571

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Isto não é concurso! Isto é uma chuva de estrelas transformadas em quadras soltas!...

Por essa razão não temos outro remédio senão prolongar por mais uma semana o mote de hoje.

Nascimento e Beatriz
São dois artistas iguais:
A ela pedimos leis
E a ele pedimos mais.

Adriano X. Nel.

Beatriz... fuge ao castigo,
Não queiras o *Nascimento!*...
Eu sou bem mais teu amigo,
P'ra fazer's bom casamento!...

Zephyro.

Beatriz... que é tão bonita,
Vai casar co'o *Nascimento!*...
E vai ser, MARIA RITA,
Madrinha do casamento!...

Alfredo Cunha (Raza).

A Beatriz, que portento!
— Que pequena tão brejeira! —
No dia do *nascimento*,
deu dois sócos na parteira!

Aníbal.

Vi na gare de S. Bento
Dois simpáticos artistas,
Beatriz e Nascimento
A fazer «Fogo de Vistas».

O.

Os Maneis, são p'ras Marias,
Para as feridas, unguento;
P'ra curar melancolias
Beatriz e Nascimento.

Otropavlis.

Beatriz gostou de Dante
com paixão e sentimento,
p'r'afinal, mas que inconstante
vir p'r'aquí, c'o *Nascimento!*...

R. & Z.

O Nascimento Fernandes
e dona *Beatriz Costa*,
são dois artistas dos grandes,
de quem o público gosta!...

R. O.

De Beatriz gostou Dante
com tão grande sentimento,
que até quis ser seu amante,
antes do seu *nascimento!*...

R. & Zotta.

O grande actor Nascimento
Apaixonou-se pela *Beatriz*
Por ter imenso talento
E ela ser bem boa actriz.

Ricardo.

Diz-me cá meu Nascimento
Que és senhor, do teu nariz
Quando é o casamento
Com a tua querida *Beatriz?*

Franco.

São dois dos melhores artistas,
Beatriz e Nascimento,
Já em diversas revistas
Demonstraram seu talento.

Ruth Mix.

Já há muito que se diz,
Vai haver um casamento,
A noiva é a *Beatriz*
E o noivo o *Nascimento.*

Monteiro II.

E' o que p'ra aí se diz
Não julguem ser meu invento
Que vão entrar na Tobis
Beatriz e Nascimento.

Manuel Monteiro.

Notícia de sensação,
Recebi neste momento,
Brevemente casarão,
Beatriz e Nascimento.

M = 2.º.

Cá temos a *Beatriz*,
— Na gaiatice um portento,
E' um conjunto feliz;
Tendo à frente... o *Nascimento.*

D. de F.

O' *Beatriz Beatriz*,
Deus te traga a salvamento,
Que sejas muito feliz
E mais o sór *Nascimento.*

D. de F.

Beatriz e Nascimento
— Aliança verdadeira:
— A brejeirice e o talento
Ali no «Sá da Bandeira».

Delfim de Freitas.

São do teatro um portento
tôda a gente assim o diz,
quando em cena a *Beatriz*
e o grande *Nascimento.*

Pirilau.

E' tal-qual uma perdiz
saltitando de contento,
a garôta da *Beatriz*
agarrada ao *Nascimento.*

Sesem Miopla.

Eurico Braga, infeliz
não terá mais rendimento
se deixar a *Beatriz*
e o «A's» do *Nascimento.*

Arpoim e Meneses.

A «Costa» da *Beatriz*
que perfeição, que talento!
Tudo desprezou, só quis
o «Fernandes» *Nascimento.*

Fanfan la Tulipe.

Beatriz e Nascimento,
Dois excelentes artistas,
'Stão a mostrar seu talento
Em lindo «Fogo de Vistas».

Sepol.

Escuta-me *Beatriz*
Nem que seja um só momento:
— Hás de ser muito feliz
Se casar's co'o *Nascimento.*

Lopes Pereira.

Beatriz e Nascimento
São duas almas penadas.
Que às vezes levam o vento
Como as fôlhas às manadas.

Hó! Rei Artur I.

No teatro és um portento,
No cinema és boa actriz,
Por cima está o *Nascimento*
Por baixo está a *Beatriz.*

Artur Pereira.

Leitora amiga, o talento,
Jamais o teve quem quis:
Nem todos são *Nascimento*,
Nem tôdas são *Beatriz.*

Díflia Galo.

Vamos ter «Fogo de Vistas»
N'um Teatro perto da baixa.
Com *Nascimento*, coristas
E *Beatriz* «Miss» Laracha.

R. L.

Como hoje tudo anda torto
e os petizes nascem grandes,
Beatriz veio ter ao Pôrto
o *Nascimento*... Fernandes!

O Homem que puxa o pano.

Beatriz é um belo peixeão,
Nascimento é um batoque.
Sustentados a macarrão
Teem os dois o mesmo toque.

Lila Campo.

Nascimento e Beatriz
Venhem juntos trabalhar
Ela é uma grande actriz
Ele difícil de igualar.

A.

Foi p'ra mim feliz momento
Quando me vieram contar
Que junto com o *Nascimento*
Vai a *Beatriz* trabalhar.

Amarantino.

PEÇAS E

octobre
22. 1937



DECIMA SETIMA PEÇA DO CONCURSO

JUSTIÇA NO OESTE

Filme silencioso mas um tanto ou quanto desordeiro passado num "Far-West" hipotético

PERSONAGENS { Joana — A «rapariga». Feita pelos mesmos moldes de tódas as fitas de cow-boys
Bob — O «rapaz» para quem os queixos dos bandidos são uma atracção constante
Barba Azul — O «vilão» mais ou menos bruto do costume
Jim — O «pai da rapariga»
Tim e Tom — Dois cow-boys

A acção passa-se numa taberna cujo cenário não descrevo porque o único pormenor que a diferencia das portuguesas é a sua situação em pleno Far-West. Tim e Tom jogam a busca lambida a um canto, Jim assobia o Cochichu's fox e Joana lava a loiça cantando a Maria também Cochichu's.

JOANA — Maria Cachucha, com quem dormes tu? Durmo com um gato...

TOM (*interrumpendo*) — Uma ginginha!

TIM — Idem, mas com elas.

JIM — E' para já. O' filha havia aqui estes fidalgos.

JOANA (*delicadamente*) — Com os diabos, não deixam uma pessoa em paz!

JIM (*dando-lhe um tapa-olhos*) — Paz!

TOM — Larga a pequena que ela já traz.

JIM (*repetindo a dose*) — Traz! Assim é que eu procedo com quem refila.

TIM — Muito bem, os homens do Oeste devem ser «tesos», não devem tremer.

UM RELÓGIO DE PULSO ENXERTADO DE PENDULO — Plão, Plão, Plão, etc., etc.

TODOS (*com uma voz cavernosa*) — Meia noite!!

O ECO (*ao longe*) — Hora do amor e do crime!...

UM REVÓLVVER (*lá fora*) — Plim!

TOM — Estamos perdidos! E' o Barba Azul!

JIM (*pegando num bacamarte*) — Deixa-o comigo que eu faço-lhe a barba.

(Os vidros da janela estoiram e o célebre bandido surge no parapeito de pistolão em punho e cofiando a barbicha).

BARBA AZUL — Mãos no ar! Se fizerem o menor gesto, um piscar de olhos que seja, mando-os fabricar tijolo.

TODOS (*com os olhos muito abertos*) — Ah!

BARBA AZUL — O' velhinho larga o trabuco e vai-me buscar um «Bastardinho». Quanto a Vocês continuem a jogar e façam-se cegos e

mudos senão transformo-os em Dr. Thara Bey no seu sono cataleptico.

(*Dito isto salta para cima duma mesa tão gentilmente quanto possível*).

OS COPOS — Perlimpimpim!

A MESA — Para a outra vez mais cuidado que eu não sou de pau!

BARBA AZUL (*depois de ter arrotado em si hemol*) — Como estás, Joanhinha, minha flor?

JOANA — Que confiança é essa? Quem é Você e que pretende de mim?

BARBA AZUL (*trágico como o Romeiro*) — Ninguém! Quanto ao que quero... apenas o teu amor. Vem, vem junto a mim dar-me o calor da tua mão e da tua cerveja que em troca dou-te uma quadrilha para cheliar. Agrada-te?

JOANA (*horrorizada*) — O' Sagrada Providência! Não me toque! Cheira a sangue que tresanda.

BARBA AZUL — E' que o meu coração está à boca, Joana do meu dito.

(*Avança, pega-lhe pela cintura e tenta beijá-la. Jim, cheio de coragem fecha os olhos e encolhe. De traz duma fiça enquanto Tim e Tom se põem debaixo duma mesa enfiadíssimos. Irá a cândida rôla cair nas garras do abutre sangüinário?*)

Não! Oh não! A Providência, que é o pai dos desamparados, vela e envia o Justiciero).

BOB (*surgindo à porta, mascarado para dar mais solemnidade à intervenção*) — Coragem que eu estou aqui!

JOANA (*correndo para ele*) — Salva-me Bob, salva esta virgem que o Barba Azul quer violar.

BOB — Ora bolas, julgava que vinha bem mascarado.

JOANA (*corando*) — Não há disfarces para o coração.

BOB (*derretido e dando-lhe uma pancadinha na barriga*) — Sua maldosa! (*para o Barba Azul que anda de gatas à procura do*

pistolão) E tu ó D. Juan de algibeira, ó Casanova de pacotilha, abraça-me como fizeste a esta donzela se és capaz.

BARBA AZUL — Não gosto de homens, cavalleiro e quanto a êsses nomes feios, participo-lhe que por muito menos já mandei clientes ao dr. Amandius Pintus.

(*Avança e esbofeteia Bob. Este corresponde com igual caricia e às duas por três as cadeiras, mesas, loiça e outros objectos portáteis andam numa roda viva pelo ar enquanto Joana rói as unhas fazendo caras aflitas. Jim, Tom e Tim desmaiam na altura em que a Justiça triunfa. Barba Azul attingido por um guarda-loiça cai desamparado e Bob exausto pelo esforço também cai mas nos braços de Joana.*)

BOB (*com o sorriso dos galãs depois de terem sovado o próximo*) — Emlim sós!

JOANA — Como Adão e Eva no Paraíso. BOB (*brejeiro*) — E a maçã?...

JOANA (*ingénua*) — Há na dispensa, queres comer alguma?

BOB (*levantando-se electrizado*) — Quero e para já.

(*«A cause des mouches» a palavra FIM aparece na tela.*)

Tom Mix.

CARTAZ DE HOJE

Sã da Bandeira: A revista em 2 actos e 16 quadros Fogo de Vistas.

Revoli: A farsa Harold encravado.

Olimpia: O super-filme O Dirigivel.

Trindade: O êxito de gargalhada Tentação de Pamplinas.

S. João: O estranho filme A ilha das almas selvagens.

Batalha: Os filmes de êxito O último homem sobre a terra e A aranha.

BARROS



VINHOS DO PORTO

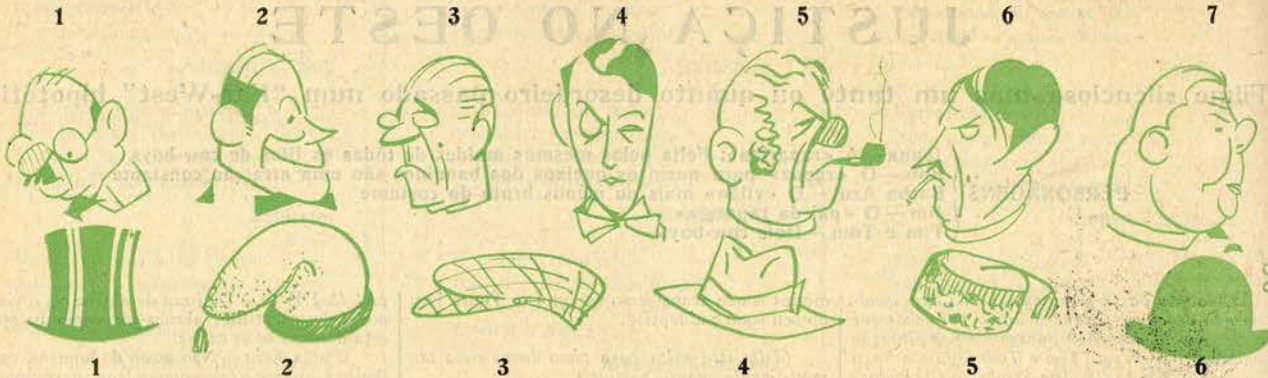
DE

QUALIDADE SUPERIOR

QUAL É O HOMEM DA CABEÇA DESCOBERTA?

A começar neste número

1.ª SEMANA



O chapéu n.º 1 pertence ao homem n.º
 » » » 2 » » » n.º
 » » » 3 » » » n.º
 O chapéu n.º 4 pertence ao homem n.º
 » » » 5 » » » n.º
 » » » 6 » » » n.º

O HOMEM DA CABEÇA DESCOBERTA É O N.º

Nome Palavras certas

Morada

(Cortar por aqui)

O concorrente não tem mais que preencher esse questionário de cima e remetê-lo à nossa redacção até ao próximo sábado.

Além disso tem de submeter-se ao plano do concurso de Outubro que abaixo publicamos.

Seis destes cavalheiros, são criaturas completas, que além de serem bem formadas, sabem trazer a cabeça no seu lugar. Um deles, porém, quere-se fazer fino e saiu de casa se n chapéu. A policia de costumes viu-o nesse estado e quis prendê-lo. Felizmente a amizade dos outros salvou-o porque resolveram todos tirar o chapéu, e o policia vendo-os a todos de cabeça descoberta, ficou indeciso por não saber qual era deles o que o não trazia.

Em face disto, e em nome do enrascado policia, vimos perguntar aos nossos distintos concorrentes:

Qual é o homem da cabeça descoberta?

E' necessário adivinhar também qual o chapéu que cabe a cada cabeça, não é verdade?

Desta forma, o concorrente tem de mandar o recorte da gravura com a seguinte explicação:

Aproveitando-se dos números que levam, tanto os chapéus, como os cavalheiros, dizer-nos que o número tal (chapéu) corresponde ao número tal (homem) e que o número tal (homem) é o tipo da cabeça descoberta.

1.º prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam acertar em cheio com a decifração exacta deste concurso que está exposta em envelope lacrado na montra da Agência de Publicações da Praça da Liberdade.

2.º prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam acertar em 5 das 6 combinações necessárias além da indicação do Cabeça descoberta.

3.º prémios — A'queles que em qualquer das 4 semanas consigam dizer uma vez só qual é o tipo da cabeça descoberta.

4.º prémios — A'queles que em nenhuma das semanas acertem com o tipo da cabeça descoberta.

Os valores dos prémios

3 primeiros prémios	de	100	escudos	cada	um
5 segundos	"	"	50	"	"
20 terceiros	"	"	20	"	"
" quartos	"	"	10	"	"

num total de 1:150\$00 em moeda corrente. E a MARIA RITA a quem promete não falta.

E' entrar, senhores! E' entrar, que vai principiar no próximo número.

Este concurso prolongar-se-á por 4 semanas e durante todas elas o concorrente é obrigado a mandar o recorte com a ordem que entender, e os prémios serão distribuidos pela forma atrás mencionada.

Esplêndido — Engraçado — Um concurso da MARIA RITA